

RURALIDADES, URBANIDADES E RELAÇÕES CAMPO-CIDADE

Rhafic Concolato da Silva

Mestrando em Geografia pela PUC São Paulo, Brasil.

E-mail: concolato@r7.com

Resumo: Tradicionalmente, a distinção entre os conceitos de rural e urbano era estabelecida em função das atividades econômicas desenvolvidas naquele espaço. Essa dualidade tem se atenuado com as transformações que se projetam para além das fronteiras do urbano. Os espaços rurais e urbanos não podem ser compreendidos separados um do outro, visto que são realidades que não existiriam isoladamente. A produção do espaço contemporâneo suscita as virtualidades demonstradas por Lefebvre nos anos 1970, tendo outras relações nos territórios, regiões e lugares, com a expansão do tecido urbano e a complexidade das relações sociais, econômicas e culturais atribuídas ao meio rural-urbano, principalmente quando consideramos as pequenas cidades. As inúmeras mudanças e transformações que ocorreram no mundo instigam o repensar dos significados de rural e urbano no Brasil, não apenas como conceitos ou termos, como vêm sendo historicamente utilizados pela Geografia e demais Ciências Sociais, mas pela complexidade em que se colocam nessas indissociáveis misturas comportamentais, mercantis, tecnológicas e informacionais. Tais espaços se relacionam e se interpenetram, levando estudiosos a formular abordagens que considerem os diferentes níveis de integração rural-urbano e de hibridismo na formação desses espaços na sociedade contemporânea brasileira.

Palavras-chave: rural, urbano, integração, contemporâneo, Brasil.

Abstract: Traditionally, the distinctions between the rural and urban concepts are established in function of economic activities developed in a space. The duality has become lessen with the transformations projected beyond the urban frontiers. The urban and rural spaces cannot be understood apart one from another, considering they are realities which could not exist alone. The production of the contemporary space elicits the virtual realities showed by Lefebvre in the 70ths, having other relations in territories, regions and places with the expansion of the urban fabric and the complexity of the social economic and cultural relationships credited to the rural urban environment, especially when we consider the small towns. Several changes and transformations that occurred in the world encourage us to reconsider the meanings of rural and urban in Brazil. Not only as concepts or terms as they have been used by Geography and the others Social Sciences through history but as a complex and not dissociable mix of behavior, mercantilism, technology and information. Those connected and spread spaces make us think about different approaches that consider various levels of rural urban integration and hybridism in the formation of those spaces in the Brazilian contemporary society.

Keywords: rural, integration, contemporary, Brazil

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

Introdução

Como compreender um espaço que tem como base de sua economia a atividade agrícola e extrativa e ruas com charretes e cavalos que se misturam aos carros, ônibus e caminhões controlados e/ou orientados por GPS, pela empresa transnacional? Ou famílias que possuem uma rede de comunicações virtuais, mas que todos os dias pela manhã acordam com o canto de um galo no quintal? Como compreender a transferência e expansão do modo de vida urbano no rural? E as ruralidades na cidade? Pelos meios de comunicação midiáticos ou pelas (re) significações mercadológicas ou culturais que os espaços rurais e urbanos sofreram? Ou cidades que não possuem características de uma sociedade urbana cosmopolita, mas que também não possuem características de comunidade rural tradicional? Ou uma área denominada como rural, mas que possui um modo de vida urbano? Fica ainda mais difícil quando relacionamos as pequenas cidades brasileiras, sendo grande parte delas, verdadeiras extensões do tecido urbano em meio aos prolongamentos rurais, as quais ainda não passaram pela urbanização completa a qual Lefebvre (1999) propõe e nem por um “renascimento rural” vertiginoso, conforme proposto por Bernard Kaiser (1990).

Como identificar um lugar como rural ou urbano na sociedade contemporânea? Em meio à miscigenação de identidades, mercantilização dos territórios, pela globalização da informação que altera e expande o modo de vida urbano para além das cidades. Seria possível pensarmos rural e urbano indissociável na atual tessitura de um tecido único?

Propomos, neste ensaio, compreender as formas de reconfigurações espaciais rural-urbano no Brasil, tendo início no final dos anos 70 e início dos anos 80. O rural e sua relação com o urbano, em especial da cidade pequena – o IBGE (2010) define pequena cidade como sendo aquele aglomerado populacional com população inferior a 20 mil habitantes. Para as organizações internacionais, o patamar de 20 mil habitantes para a classificação em cidade pequena é o mais comumente utilizado, proposto pelo Sociólogo francês Henri Mendras (ABRAMOVAY, 2000, p. 5). E expansão do modo de vida urbano (nas interfaces econômica, tecnológica e cultural) no rural. A dissolução e superação da envelhecida dicotomia rural-urbano, campo-cidade principalmente envolvendo as pequenas cidades brasileiras.

Historicamente, os conceitos de rural e urbano / campo e cidade vêm sendo amplamente utilizados na Geografia e demais Ciências Sociais para evidenciar características socioespaciais peculiares, de modo que tais conceitos estão cristalizados nos mais diversos grupos sociais.

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

Com a emergência do meio técnico-científico-informacional a partir dos anos 1970 (SANTOS, 1996), decorrente dos avanços da técnica e de sua irradiação no espaço geográfico, a dinâmica socioespacial vem se complexificando, ao ponto de ser cada vez mais difícil separar, rotular, demarcar e identificar em sua totalidade de acepção, o que é rural do que é urbano.

As representações sociais de integração na produção do espaço contemporâneo suscitam as virtualidades demonstradas por Lefebvre nos anos 1970, com a obra 'A revolução urbana', trazendo outras relações nos territórios, regiões e lugares, a partir da compressão tempo-espaço que ameaçariam a complexidade dos lugares, a internacionalização do capital financeiro (variedade, encurtamento de distâncias e mundialização da produção), superação das barreiras espaciais e ruptura dos horizontes culturais, onde nada é fixo a favor das conexões das forças globalizadoras das economias hegemônicas.

O atual espaço rural se forja em conexão com espaços urbanos e não raramente se estrutura dentro da urbe. Então o espaço rural não está mais somente no campo, mas diversas vezes ele se sobrepõe ao espaço urbano e às cidades (não necessariamente urbanas). Apesar disso suas relações de trabalho, suas relações sociais e suas relações culturais possuem características próprias, discerníveis, embora não necessariamente exclusivas. Características como a ligação com a terra, a forte influência da sazonalidade, os vieses culturais, a permanência de relações não capitalistas, identidade e representações específicas são marcantes no espaço rural, embora não exclusivas a ele. O rural permanece não somente pela presença de uma ou mais dessas características, mas pela sua ontologia, sua territorialidade e seus fluxos. Assim, o espaço rural não é exclusivo, não é um continuum e nem é o oposto de nada. É um espaço próprio, conspícuo, distinguível. (GOMES; BINZSTOK, 2009, p. 20)

Com a difusão da tecnologia, da informação e da indústria cultural cosmopolita, já não é possível conceber o rural *desconectado* de certos recursos, como a TV, o rádio, o telefone, a informática e a internet. Acompanhando a transformação tecnológica, percebemos também a mudança nos padrões de produção-consumo e comportamentais dos habitantes das comunidades rurais, que passam a adquirir com maior frequência produtos industrializados, não só bens duráveis, mais também alimentos, roupas, cosméticos e outros itens que caracterizavam um estilo de vida urbano.

Trata-se de novos atributos, muitas vezes imateriais, em que valores ligados à natureza, à paisagem, à exploração do trabalho em áreas rurais, obrigam-nos a repensar a própria teoria da renda da terra. O

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

capitalismo recria um rural, capaz de participante de lógicas complexas, integrar-se, desigualmente, às múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. Esse processo de integração afeta, sobremaneira, a (re) construção ou a manutenção da identidade social do agricultor e os rebatimentos territoriais desse processo. (RUA, 2006, p.83)

Concomitantemente o urbano também passa a visualizar o mundo rural com *outros olhos*. Em meio à agitação das metrópoles, valoriza-se cada vez mais a tranquilidade e ao contato com o ambiente rural, embora este hoje tenha toda a infraestrutura urbana à porta. Isso pode ser percebido no crescente desenvolvimento de empreendimentos imobiliários que trazem como propostas condomínios repletos de bosques, lagos e até áreas de preservação. Também é cada vez mais marcante a presença de feiras ecológicas nos centros urbanos, que oferecem produtos livres de agrotóxicos, como só eram encontrados nas mesas dos mais tradicionais agricultores, além de práticas mais saudáveis de lazer, intimamente ligadas ao rural (pesca esportiva, caminhadas em trilhas, arborismo, *rafting*, *rappel*, escaladas etc.).

A integração espacial e as representações sociais entre campo e cidade, rural e urbano, conforme Edgard Vasconcelos (1977) provém também da comunicação, ultrapassando o simples contato físico entre indivíduos ou grupos sociais, para um processo contínuo de compreensão, de entendimento, tolerância e de interdependência uns com os outros. No plano econômico pela vinculação direta das populações na produção rural ou do consumo dos centros urbanos; no plano político / administrativo pela influência dos moradores rurais na eleição e manutenção dos serviços públicos; no plano institucional pelos diversos estabelecimentos mantidos no campo e na cidade e no plano cultural pela expansão do modo de vida urbano, propagados pelos diversos meios de comunicação verticais mercantis e pela valorização do bucolismo rural nos centros urbanos e a outras atividades comerciais associadas ao meio rural.

Ao mesmo tempo, a mobilidade e o crescente número de deslocamentos curtos ou longos, reais e virtuais, fazem emergir um novo perfil do rural os quais são distinguidos em “agri-ruralista”, relacionado às práticas multifuncionais, como lazer, vida, alimentos saudáveis e admiração da natureza e “utilitarista” que valoriza os imóveis rurais para funções de lazer, turismo, recreação, e, por fim, o “hedonista” dando ênfase a estética e a qualidade de vida no meio rural (VEIGA, 2004).

Os movimentos de (re) significação do rural envolvem, ainda, o aumento da mecanização da produção agrícola e uma crescente concentração de pessoas em atividades não agrícolas como,

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

por exemplo, profissionais da saúde, da educação, da indústria de transformação, de lazer e turismo, além da especulação imobiliária incorporada às atividades já tradicionais.

Respectivamente, em que se tem uma crescente valorização ambiental e dos recursos naturais, como mercadoria da especulação imobiliária, relacionando o rural (urbanizado) ao bem estar social e a qualidade de vida, alguns mecanismos de (re) configuração de espaços rurais podem atuar de forma contraditória e até excludente, sobre os possíveis destinos das áreas rurais na dimensão econômica, tornando-as periferias e marginais, distante das novas hierarquias regionais que subsidiam o crescimento da economia global (VEIGA, 2004).

Desse modo, atribuir o que é urbano e o que é rural apenas pelas atividades econômicas exercidas nesses territórios e/ou pelo tamanho das áreas ocupadas, já não correspondem, como vimos às atuais formas de organização do espaço na sociedade contemporânea em que o rural se torna uma extensão física e ideológica dos padrões de vida urbano. “O campo? Não é mais – não é nada mais – que a circunvizinhança da cidade, seu horizonte seu limite” (LEFEBVRE, 2002, p.24). As representações sociais de integração, rural e urbano, provem, em parte, das modificações na infraestrutura urbana, facilitando e diminuindo distâncias, no modo de produção e consumo de mercadorias, de atitudes e comportamentos da população rural e urbana intensificados com a globalização econômica e da informação, e pelas manifestações da expansão do tecido urbano. Como demonstrado por Lefebvre, (1999, p.17):

O *tecido urbano* prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do domínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano. Mais ou menos denso, mais ou menos espesso e ativo, ele poupa apenas áreas devolutas à “natureza”.

Os espaços rurais e urbanos não podem ser compreendidos separados um do outro, visto que são realidades que não existiriam isoladamente. Tais espaços se relacionam e se interpenetram, levando estudiosos a formular abordagens que considerem os diferentes níveis de integração e interdependência. E na

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

[...] compreensão do processo de “criação de novas identidades territoriais”, que não podem ser interpretadas apenas como a manifestação de um “novo rural”, mas sim como novas territorialidades dotadas de um hibridismo que mescla o urbano e o rural e que permite a identificação de novas geografias. (ARAÚJO; SOARES, 2009, p. 224-225)

A hipótese de urbanização completa, lançada em 1970 pelo filósofo e sociólogo marxista francês Henri Lefebvre, se baseia numa definição: ele denomina sociedade urbana aquela que resulta da urbanização completa, “hoje virtual, amanhã real”. A expressão é reservada à sociedade que nasce da industrialização. “Essas palavras designam, portanto, a sociedade constituída por esse processo que domina e absorve a produção agrícola”. O conceito de sociedade urbana é proposto para denominar “a sociedade pós-industrial, ou seja, aquela que nasce da industrialização e a sucede” E por “revolução urbana”, o autor designa o conjunto de transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento e industrialização ao período no qual a problemática urbana prevalecerá decisivamente, “em que a busca das soluções e das modalidades próprias à sociedade urbana passará ao primeiro plano” (LEFEBVRE, 1999, p.15-19).

A contribuição do geógrafo e sociólogo Bernard Kaiser, em 1972, com a hipótese de “renascimento rural”, que evidenciava um fenômeno demográfico de valorização do rural, não contradizia o que fora demonstrado por Lefebvre, mas sinalizava uma relação conjuntural entre o urbano e o rural, através de novas formas de apropriação, originando diferentes maneiras de avaliação do meio rural; por exemplo, por meio de indicadores socioeconômicos, de espaços pouco modificados pela ação humana e pela extensão dos meios de produção capitalista e suas interferências no fortalecimento de um modo de vida urbano no campo e vice-versa. (VEIGA, 2004)

Por meio das duas hipóteses descritas – extensão do tecido urbano de Henri Lefebvre e de “renascimento rural” de Bernard Kaiser – poderíamos propor “o caminho do meio”, ou seja, nem a completa urbanização ou mesmo um renascimento rural vigoroso, mas a valorização de ruralidades – condomínios afastados do núcleo urbano, uma segunda residência no campo, hortas, jardins, quintais produtivos na cidade - nas duas últimas décadas, principalmente nas cidades e de uma expansão e conseqüente predominância do modo de vida urbano no campo, o

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

que condiz com a atual (re) configuração espacial e construção social das relações rural/urbano, campo/cidade no Brasil contemporâneo.

As perspectivas de rural e urbano no Brasil contemporâneo

Uma realidade nova nesse início de século, que se apoia não mais nas formas antigas de relações do homem com o espaço habitado, mas que exprimem os conteúdos novos do mundo contemporâneo traz consigo uma enorme renovação na configuração da organização geográfica da sociedade.

As inúmeras mudanças e transformações que ocorreram no mundo instiga o repensar dos significados de rural e urbano no Brasil, não apenas como conceitos ou termos, como vêm sendo historicamente utilizados pela Geografia e demais Ciências Sociais, mas pela complexidade em que se colocam nessa indissociável rede de misturas: comportamentais, mercantis, tecnológicas e informacionais. Devemos repensar ou aparecerem sob nova forma os antigos conceitos, a fim de compreendermos e refletirmos sobre as atuais formas de (re) organização do homem com o espaço habitado, não mais percebido pela separação rural e urbana em espaços distintos, próprios em suas formas e funções, indo além do divisível lógico e explicável no pré-capitalismo, onde o rural e urbano era distante e bem definido para uma interpretação mais condizente com as formas de apropriação do espaço habitado dos tempos recentes.

De mais nítidas as mais sutis, os argumentos e provas a favor do “casamento” rural-urbano, na formação de espaços interdependentes e híbridos são fundamentados por alguns autores já a alguns anos. Sabemos não se tratar de um tema novo, por já ter sido abordado primeiramente na Europa a partir dos anos de 1970 por Henri Lefebvre (1999); Bernard Kayser (1990); e posteriormente por alguns estudiosos no Brasil, que se dedicaram a compreender como se relacionam, se constroem, modifica e se interpenetram os espaços rurais e urbanos na construção de um espaço híbrido, seja, na urbanização que se estende para além do domínio das cidades, não apenas como materialidade, mas como domínio ideológico, como modo de vida, ou nas ruralidades revigoradas nas cidades; com Abramovay (2000) e seus questionamentos sobre as classificações de rural; Veiga (2001; 2004) enfatizando que o Brasil não é tão urbano quanto parece ser; Santos (1979; 1993 e 1994) analisando a influência da

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

economia no processo de desenvolvimento urbano e a interdependência destes espaços no processo de produção e consumo; Oliveira e Soares (2003) com as cidades locais, e o papel centralizador que eles promovem no fortalecimento das relações de junção rural-urbano; Camarano e Abramovay (1999) com o retrato do espaço rural brasileiro e os recentes esvaziamentos desses espaços pelos movimentos migratórios; Bacelar (2003) com os modos como a modernidade se manifesta nas pequenas cidades; Corralo (2006) sobre a expansão da municipalização de espaços rurais em unidades administrativas urbanas; Silva (2000) que enfatiza a cultura e o modo de vida urbano da pequena cidade, mesmo que em seu entorno predomine ruralidades; Diniz, Poeta, Antonio e Silva (2001) com o desenvolvimento rural, e modernização da atividade agrícola nas pequenas cidades e sua influencia no processo de urbanização no modo de vida de sua população.

O que muda então? Com o entendimento e discernimento das contribuições acerca das mudanças nas relações homem e espaço habitado na sociedade contemporânea, propomos a “quebra” de uma delimitação rígida entre urbano e rural, que por muito tempo, foram caracterizados como mundos distintos. Torna-se cada vez mais difícil, contudo, delimitar, definir, compreender e refletir sobre as atuais áreas ditas rurais e urbanas brasileiras, principalmente considerando as pequenas cidades inseridas numa rede urbano-rural-regional integrada no processo de suas formações. Onde são a charretes que ditam a velocidade dos veículos, os carros-de-boi que permeiam o asfalto nos finais de semana com seu som peculiar chamando as janelas às pessoas para assistirem as cavalgadas. A conversa despreocupada nas calçadas, que se misturam ao som do canto dos pássaros e dos ruídos das sirenes das fábricas com os da movimentação dos veículos. A interessante placa que delimita como perímetro urbano umas poucas casas, com uns 500 metros de calçamento e alguns postes de luz, com a monocultura cafeeira dominando a paisagem. Como ressalta Roberto Luís Monte-Mór (2006, p. 06):

Os adjetivos *urbano* e *rural*, todavia, referentes à cidade e ao campo, ganharam autonomia apenas recentemente e dizem respeito a uma gama de relações culturais, sócio-econômicas e espaciais entre formas e processos derivados da cidade e do campo sem, no entanto, permitirem a clareza dicotômica que os caracterizava até o século passado. Ao contrário, cada vez mais as fronteiras entre o espaço urbano e o espaço rural são difusas e de difícil identificação. Pode-se supor que isto acontece porque hoje esses adjetivos carecem da sua referência substantiva original, na medida em que tanto a cidade como o campo não são mais conceitos puros, de fácil identificação ou

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

delimitação. O que são, hoje, as cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Bela Vista de Minas ou qualquer outra cidade grande, média, ou mesmo pequena, no Brasil contemporâneo ou no mundo? Onde começam e onde terminam? De outra parte, o que é hoje o campo? A cooperativa agrícola da Cotia ou a Barretos do peão boiadeiro em São Paulo? Povoados e distritos distantes como Milho Verde ou a periferia das cidades, chamada “área rural”? Ou as grandes fazendas, as agroindústrias, os acampamentos do MST, no nordeste, no cerrado ou na Amazônia? Em qualquer caso, a definição dos limites e da natureza, tanto do campo como da cidade é cada vez mais difusa e difícil.

Os mercados conectados a internet no campo; o trabalhador rural que vai de ônibus para a lavoura e que pede para parar em frente ao botequim que por sua vez, fica próximo do telefone público, da quadra de futebol de salão e do trailer de lanches *fast food* pontos de encontro de recreação e lazer da juventude das comunidades ditas rurais. As ruralidades dos bairros periféricos e populares, na tradição da horta no fundo do quintal, as relações interpessoais no cotidiano da vizinhança, cavalos e galinhas soltos em terrenos baldios, em pleno centro comercial da cidade, onde o consumo, por meio dos *outdoors* e das vitrines das lojas são estimulados. Simbolismos enraizados do cozinhar no fogão de lenha, o contato de proximidade com o vizinho, a horta no quintal, o galinheiro, cavalos e cabras nos terrenos baldios, o contar do tempo muito mais lento, o transito de veículos, motos e caminhões de carga pesada, a comunicação via internet, celular, estações de radio e canais a cabo. O que é rural, campo, cidade, urbano na sociedade contemporânea?

Seria muito mais fácil, se cada “coisa” ficasse no seu devido lugar, sem a intervenção, inter-relação e comunicação dos meios rurais e urbanos, mas essa diferenciação simplista e primária de mundos distintos, já não mais sustenta os estudos sociais, a espera de hipóteses e reflexões que venham a rejuvenescer os conceitos desgastados e refutáveis que a ciência moderna deflagrou.

Diante das transformações territoriais, sociais, políticas e econômicas do mundo atual, a relação campo e cidade, rural e urbano precisam ser redimensionadas, já que o espaço e a sociedade se recriam, se (re) qualifica, tem novas aspirações, formas, funções e “troca de lugares” em meio à extensão do tecido urbano para o campo, a permanência de ruralidades nos interiores das pequenas cidades brasileiras e uma revalorização do campo para os que dele estão distantes, com relação aos grandes centros urbanos. Observa-se,

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

[...] uma crescente interação entre o urbano e o não-urbano, para uma dissolução de velha dicotomia rural-urbano; na medida em que se verifica uma *“troca de lugares”*. De certa forma tais processos geram uma dissociação entre *“lugares”* de vida e de trabalho, em várias áreas do interior, e toma corpo um deslocamento dos lugares de residência com o tipo de atividade produtiva desenvolvida pela população; na medida em que se amplia a população voltada para atividades rurais residentes em áreas urbanas e emerge, com menor intensidade nas áreas dinâmicas, uma população residente em áreas rurais voltadas para atividades urbanas. (LIMONAD, 1996, 229)

A (in) dissociação é inevitável e necessária. As dualidades não conseguem, nesse momento da sociedade contemporânea, corresponder às representações sociais de integração espacial, campo e cidade, rural e urbano. Nessa tessitura conjuntural, que formam as pequenas cidades brasileiras, que não chegaram à uma urbanização completa - por ainda possuírem forte ligação de dependência com o ambiente rural, no modo de vida campesino de seus moradores e no espaço ainda pouco modificado pela ação humana - e nem passam por uma especulação imobiliária *“utilitarista”* do campo, mas a uma expansão do modo de vida urbano, com os sentimentos e desejos de consumo que chega ao campo pela expansão dos meios de comunicação.

Pouco se sabe sobre os novos critérios que permitiriam descrever de forma mais adequada os diversos sistemas de assentamento humano e seus correspondentes graus de artificialização dos ecossistemas. Também não se percebe ainda, quais serão os efeitos mais profundos da globalização na evolução das diferentes formas de pressão antrópica.

Os conceitos de cidade e de campo não mais exprimem realidades concretas e reconhecíveis integralmente no espaço social contemporâneo, conforme Milton Santos (1993-1994). Cidade e Campo são redefinidos pela urbanização e subordinados à produção e acumulação capitalistas. A qualificação urbana e rural passam a representar resquícios dos espaços sociais já quase desaparecidos, simbologias de realidades transformadas e integradas ao espaço total na contemporaneidade.

A argumentação e construção reflexiva da dissolução dicotômica rural-urbano desenvolvem-se a partir do diálogo estabelecido entre obras e autores, evidenciando as transformações ocorridas nas últimas décadas, especialmente no final dos anos 70 e início dos anos 80, nas relações de interdependência rural-urbano, campo-cidade e na complexidade em

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

que se colocam interfaces comportamentais, mercantis, tecnológicas e informações na produção do espaço contemporâneo da pequena cidade brasileira (segundo o IBGE cidades de até 100 mil habitantes).

A principal inspiração teórica, e fundamentalmente necessária para a realização dessa reflexão é a obra *Revolução Urbana* de Henri Lefebvre, que virtualizou nos anos 1970 na Europa, a expansão do tecido urbano e o modo de vida urbana para além das cidades, atingindo o campo e todo espaço nacional. Essa síntese dialética supera a relação cidade-campo dentro de uma lógica coletiva e política, centrada na luta pela vida cotidiana e privilegiando os aspectos da reprodução social, apresenta densidades, tamanhos e formas de organização socioespacial variadas, dentro de uma lógica urbano-industrial associada por condições gerais de produção equivalentes e por um consumo coletivo de base industrial, que Lefebvre chama de urbanização extensiva.

A urbanização extensiva, conforme o autor, na verdade, nasce nas áreas metropolitanas e nas cidades grandes, transborda sobre seu espaço imediato, mas se estende (virtualmente) pelo espaço regional e nacional como um todo integrado a essa centralidade urbano industrial. É nesse sentido que se pode dizer que o meio urbano deixa de ser o espaço da cidade para se transformar no espaço social total.

Todavia, Roberto Luís Monte-Mór (1994), outro autor com trabalhos referenciais nesta discussão, e de grande valor para o estudo proposto, ressalta a evidencia de que esta interpretação algo metafórica não correspondia, ou mesmo pretendia corresponder, a toda a realidade nacional fazendo tabula rasa da questão rural.

Certamente, conforme ressalta o autor, diversas formas de organização social e espacial próprias do campo persistiam e persistem em todas as regiões do país, em intensidades diversas. Na periferia das grandes metrópoles do Sudeste, espaços mais integrados ao sistema hegemônico urbano-industrial, existiam — e existem ainda — aquilo que chamei “ilhas de ruralidade”, isto é, espaços intersticiais onde as forças modernizadoras do capitalismo industrial não penetraram inteiramente e onde formas e processos socioespaciais de organização da vida cotidiana e da produção ainda respondiam predominantemente a dinâmicas locais de base agrária e de um meio rural mais ou menos isolado do capitalismo urbano-industrial. O que por outro lado, pela ausência, ou ineficiência de atendimento no suprimento das necessidades da população local, poderia impulsionar a urbanização como forma de atendimento dessa demanda.

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

Há, de fato, um grande número de cidades que pouco apresentam de inovações e mesmo de capacidade de suprir a população do próprio município com a oferta de serviços e produtos necessários. Estes núcleos estariam mais próximos à categoria de “povoado” do que de cidade. Nestas localidades – e, vale acrescentar não somente nelas – encontram-se nos bairros ou mesmo nas ruas algumas atividades tipicamente rurais: vacarias, hortas, estábulos, quintais com pequenas criações etc. (MAIA, 2010, p.197).

Mudanças e interferências que são para alguns tão sutis quanto podem ser, mas expressivas e até definitivas para outros na construção de realidades híbridas rural-urbano, principalmente considerando o processo de formação das pequenas cidades brasileiras e nas transformações que o espaço rural sofreu a partir do final dos anos 70. Com a intensificação do uso e disseminação de tecnológicas, novas funções e atividades econômicas atribuídas ao campo, e um contato cada vez mais necessário com as cidades facilitado pelos meios de comunicação no processo de urbanização na sociedade contemporânea.

Considerações Finais

Adjetivar o que é rural ou urbano tornou-se nas últimas décadas em uma das tarefas mais difíceis. Seja pelo aumento do perímetro urbano e mesmo de emancipação de áreas rurais em cidades, apenas para atender a demandas de arrecadação de impostos como o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), em benefício das administrações municipais, em um processo de urbanização extensiva e de uma requalificação de espaços rurais em urbanos.

Em contrapartida, temos os simbolismos rurais tão presentes nessas áreas ‘ditas’ urbanas, que se fortalece em meio ao modo de vida urbano que se prolifera pela expansão tecnológica, e de novas atividades econômicas integradas à lógica geral do capitalismo. Recriam-se espaços, (re) configuram-se funções.

As relações campo-cidade tornam-se indissociáveis na construção e no desenvolvimento de processos sociais, econômicos, culturais e tecnológicos e na configuração de realidades híbridas - urbanidades no rural e ruralidades no urbano. Como na confecção de uma colcha de retalhos em um tecido urbano com franjas rurais, ora um tecido rural com franjas urbanas, numa única tessitura.

Defender, ou acreditar na permanência da dualidade, dicotomia e/ou antagonismo rural-

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

urbano já não mais se fundamentam como verdade, no mundo misturado de múltiplas identidades em que vivemos e que se (re) qualifica a cada momento para adequar-se, as novas demandas da sociedade na produção do espaço contemporâneo e, para tal, é necessário à busca de novas hipóteses, conceitos ou termos, por meio de reflexões, em geral aguçadas nas Ciências Sociais e, em particular na Geografia, com a finalidade de aproximarmos os estudos ao que hoje é percebido, apreendido e observado; em rural e urbano que se produzem e (re) produzem em associação, e que se constituem com a fusão de suas partes.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro, IPEA, Texto para discussão nº 702, jan. 2000.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 11-23, jul./dez. 2003.

ARAÚJO, Flávia Aparecida Vieira de; SOARES, Beatriz Ribeiro. Relação cidade-campo: desafios e perspectivas. **Campo-Território**: revista de geografia agrária da UFU, v.4, n. 7, p. 201-229, fev. 2009.

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Os mitos do “sertão” e do Triângulo Mineiro: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia: Ed. Compooser, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia e ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos. Texto para discussão nº 621, IPEA. Rio de Janeiro: janeiro de 1999.

CORRALO, Giovani da Silva. Município: autonomia na Federação brasileira. Curitiba: Juruá Editora, 2006.

DINIZ, Francisco; POETA, Alexandre; ANTONIO, Patrícia e SILVA, Conceição. O papel das pequenas e médias cidades no contexto do modelo de desenvolvimento rural: uma primeira abordagem. Departamento de Economia e Sociologia/ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD. Vila Real, Portugal. 2001.

GOMES, Ivair Gomes; BINZSTOK Jacob. **O espaço rural e relações rural/urbanas**: algumas aproximações a partir de textos publicados no “Jornal of rural studies”. VI Simpósio Internacional

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

de Geografia Agrária/ V Simpósio Nacional de Geografia Agrária, SINGA, UFF Niterói, 29/10 a 02/11/2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=25.

Acesso em 21 nov. 2010.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMONAD, Ester. **Os lugares da urbanização**: o caso do interior fluminense. Tese de (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estruturas Ambientais Urbanas - FAUUSP, São Paulo, 1996.

KAYSER, Bernard. **La renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental**. Paris, Armand Colin, 1990.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidade, relações cidade-campo e metropolização. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago. **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção explorando o ensino), v. 22, p. 183-206.

MARAFON, Gláucio José. Campo, relações campo-cidade e luta pela terra. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago. **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção explorando o ensino), v. 22, p. 207-226.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006. 14p. (Texto para discussão; 281). Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20281.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental**. In: SANTOS, M. et al. (org) *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

Año 6, n° 1 enero - julio 2014

OLIVEIRA, Bianca Simoneli e SOARES, Beatriz Ribeiro. O papel das cidades locais do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba/MG no contexto regional. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2000.

ROCHA, Fernando Goulart. **As Descontinuidades da Cidade**: Reflexões acerca do Contato Rural - Urbano no Brasil. IX Encuentro de Geógrafos de America Latina, Mérida – Mexico, 22 - 24 Abril del 2003.

RUA, João. **Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades**. Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 82-106, fev. 2006.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. Revista de História Regional, Vol. 5, n° 2, 2000.

VASCONSELOS, Edgard de. **Relações entre o meio urbano e o meio rural**, cap.5, p. 55-64. In: *Sociologia rural*. Viçosa: Imprensa universitária/UFV, 1977.

VEIGA, José Eli. O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento. Nead – Série Textos para Discussão, número 1, ago. 2001.

_____. **Destinos da ruralidade no processo de globalização**. Estudos Orientados. Universidade de São Paulo, v. 18, n. 51, p. 51-67, maio - ago 2004. (quadrimestral). ISSN 0103-4014.